

A FAXINA BEM-VINDA NOS RIOS E OCEANOS DO PLANETA

Sistemas criados por ONG holandesa já removeram mais de 9 mil toneladas de lixo em diferentes pontos do globo

LUCAS ALBERTO
lucas.alberto@globo.com.br

Em uma realidade de despejo anual de milhões de toneladas de plástico nos mares em todo o mundo, a faxina se torna fundamental. Em várias cidades, grupos ambientalistas realizam campanhas de conscientização e mutirões de limpeza para remover lixo de praias e impedir que a sujeira chegue ao mar. Mas a ONG holandesa The Ocean Cleanup elevou essa militância a um outro patamar.

A entidade desenvolveu diferentes sistemas que, utilizando embarcações, redes e barreiras, promovem a retirada da sujeira flutuante de oceanos ou interceptam o lixo sólido nos rios, impedindo a contaminação do mar. Ao longo dos últimos dez anos, a organização removeu mais de nove mil toneladas de detritos em diferentes partes do planeta. Até 2040, a meta da Ocean Cleanup é limpar 90% do plástico que boia na superfície dos oceanos.

A ONG foi fundada em 2013, pelo holandês Boyan Slat. Criador da tecnologia usada na remoção do plástico, ele ganhou o prêmio Campeões da Terra, da ONU, destinado a pessoas que causam impactos positivos ao meio ambiente.

Um primeiro protótipo do sistema de limpeza foi lançado em 2018. Hoje, a Cleanup trabalha com a terceira versão, que consiste em barreiras flutuantes de cerca de 800 metros, em forma de U, semelhantes a uma rede de pesca, puxadas por barcos. Acopladas à "barreira", câmeras capazes de escanear a superfície da água identificam manchas de lixo e direcionam os barcos. Quando o compartimento das embarcações fica cheio, o material é levado ao continente para reciclagem.

Esse sistema é usado pela ONG nos EUA, no Caribe e na Ásia. O principal foco da organização é a chamada Grande Mancha de Lixo do Pacífico, entre o Havaí e a

Costa Oeste dos EUA, considerada o maior vórtice de poluição plástica oceânica do mundo. Toda a operação na área é realizada de forma a causar mínimo impacto na vida marinha. Os barcos se movem lentamente, e as redes são fabricadas e monitoradas com a preocupação de que animais não fiquem presos no equipamento.

Recentemente, a ONG desenvolveu também um sistema especial para rios que instala barreiras para impedir que o lixo atinja o oceano. Essa é considerada a primeira solução escalonável a tratar do problema notropeto da poluição. A tecnologia já funciona em cidades de Indonésia, Malásia, Vietnã, República Dominicana, Estados Unidos, Jamaica e Guatemala.

BARREIRA PARA O LIXO

Chamado de "Interceptor Original", o sistema de barreira nos rios é transportado por um catamarã, que recolhe o lixo sem atrapalhar o fluxo de água. Todo o material sólido é direcionado por uma esteira até chegar a um dos seis contêineres na embarcação coletores.

— Nos primeiros anos, a missão era entender o problema. Sabíamos que havia plástico no oceano, mas não sabíamos o quão ruim era, onde estava todo o plástico ou se realmente conseguiríamos resolver — explica Matthias Egger, diretor de Assuntos Ambientais e Sociais da Ocean Cleanup. — Enquanto desenvolvemos um sistema de limpeza que pode ser usado no meio do oceano, também criamos uma tecnologia de limpeza de rios, em que podemos realmente pegar o plástico antes de a sujeira entrar no mar. Foi um desafio de engenharia. Precisávamos de uma máquina que conseguisse sobreviver a certos elementos da natureza, como ondas gigantes.

A ONG ainda não tem atuação no Brasil, mas há planos para isso no futuro. Egger explica que cada rio é



Pesca de sujeira. Sistema usado por ONG na Grande Mancha de Lixo do Pacífico utiliza redes e embarcações para remover plástico flutuante do oceano



Captura do lixo. Os detritos são reunidos com o risco reduzido para animais



Remoção. Depois de retirado do mar, o lixo é todo jogado na embarcação



Tratamento. A sujeira é ensacada e levada para reciclagem no continente



Interceptor. Sistema usado em rios instala barreira para remoção de detritos

"essencialmente diferente". Então, é preciso achar a melhor solução considerando as condições locais.

— Se você quiser limpar a área costeira do Brasil, a primeira coisa a fazer é interceptar o plástico que vem dos rios para o litoral. Uma vez que a poluição está no oceano, as correntes a levarão para todos os lados — resume o diretor.

A organização mantém uma página no Instagram na qual publica vídeos dos sistemas em funcionamento para 2,3 milhões de seguidores. Na última sexta-feira, a ONG usou seu perfil para divulgar que o Interceptor 006, em ação no Rio Las Vacas, na Guatemala, realizou a maior captura de plástico desde a fundação da entidade. Foram 1.400 toneladas de lixo, que encheram 272 caminhões, bloqueadas e removidas antes que atingissem o mar.

Para que chegue a mais países no mundo, o próximo desafio, explica Egger, é aumentar a escala dos sistemas de limpeza, o que exige, claro, mais financiamento. A Ocean Cleanup tem parcerias importantes com universidades e firmas multinacionais. Na Dinamarca, uma grande empresa de navegação ajuda no financiamento de barcos.

Após mais de dez anos de trabalho, a ONG não só gerou impacto na limpeza de oceanos como acumulou dados e estatísticas antes pouco conhecidos sobre a dinâmica da poluição oceânica. Sabedoria essencial, frisa Egger, para que o objetivo final seja alcançado.

— Para se chegar à fonte do problema, é preciso saber de onde vem a poluição e quais os resíduos mais encontrados. É fundamental fornecer essas informações para que autoridades formulem políticas públicas e tomem decisões bem embasadas — explica o diretor da Ocean Cleanup, acrescentando que, nos rios, o lixo mais encontrado é de uso único, ou seja, são produtos descartáveis consumidos

pela população local. — Já no meio do oceano, o lixo mais comum é da grande indústria pesqueira. Isso é uma informação nova, que não tínhamos no início.

A ONG também identificou que não há uma concentração acima da média de poluição dos países do Sudeste Asiático, usualmente criticados por suas frágeis políticas ambientais.

— Ouvimos que a maior parte da poluição por plásticos vem do Sudeste Asiático, mas nem sempre é o caso. Na verdade, encontramos muito plástico dos EUA, da Coreia do Sul, da China e do Japão. Esses países têm grande responsabilidade — afirma Egger.

A poluição plástica afeta a população marinha, mas também os humanos, lembra o especialista. Enquanto animais morrem por ingestão de plástico no oceano (não necessariamente devido ao plástico em si, mas por causa dos produtos químicos agregados ao material), estudos revelam a gravidade dos danos para a saúde humana, como complicações cardíacas e cognitivas.

ACORDO GLOBAL

A Cleanup está envolvida nas negociações para a elaboração de um tratado global, mediado pela ONU, para combater a poluição plástica. Egger, que estará presente na próxima mesa de negociação, esta semana, no Canadá, sente-se otimista com as perspectivas.

— É um tratado ambicioso, que pode resolver um problema. É importante garantir que muito menos plástico seja jogado no ambiente. Mas também defendemos que se devotar o plástico que já está na natureza. Não são os oceanos, mas também o continente — afirma o ambientalista, lembrando a importância de se preservar oceanos para combater as mudanças climáticas. — É fundamental que o agente mantenha um ecossistema saudável. O oceano captura CO₂ e produz o oxigênio que respiramos.

CARIOCAS APEGADOS AO PLÁSTICO

Onipresente, material de uso único substituiu até a palha do milho consumido nas praias do Rio

Não é segredo para ninguém que o plástico se tornou um dos principais vilões dos oceanos. Portanto, é de se espantar que, no cotidiano de uma cidade litorânea como o Rio, o material descartável esteja por toda parte.

Nas feiras e mercados, a banana e outras frutas com

casca, ou seja, embaladas pela natureza, são compradas dentro de pacotes de plástico. O consumidor, muitas vezes, coloca cada produto em um pequeno saco e, em seguida, guarda tudo em uma sacola maior, de plástico.

Até o milho, que nas praias da capital fluminense,

sempre foi devorado envolto na palha fornecida pelo meio ambiente, agora é degustado em pratinho com colher feitos com material de uso único.

O vendedor de milho Antônio Souza diz que, das cerca de 70 espigas comercializadas em um sábado de sol, apenas duas são consu-

midas na palha do alimento. Todos os outros compradores pedem para comer no prato com colherzinha.

Não é à toa que os biólogos responsáveis pela pesquisa "Plastitox", da UFRJ, estejam encontrando cada vez mais microplástico no mar carioca, tanto na água quanto nos seres vivos.



Cadê a palha? Milho consumido em material descartável na Praia de Ipanema